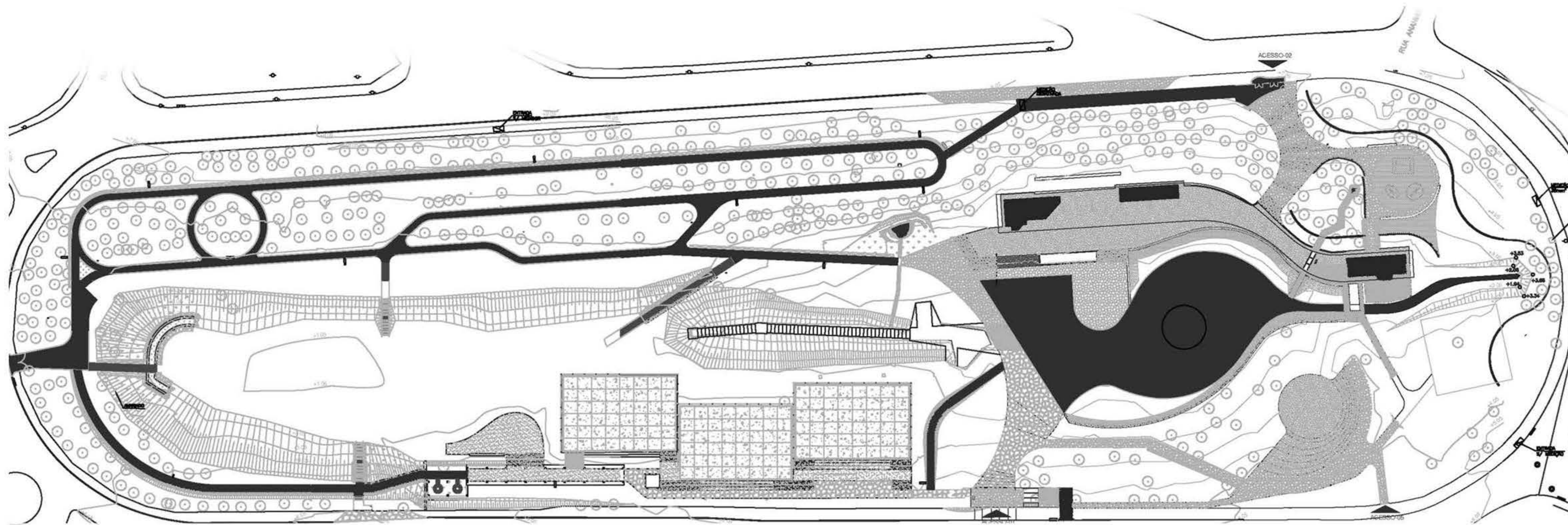
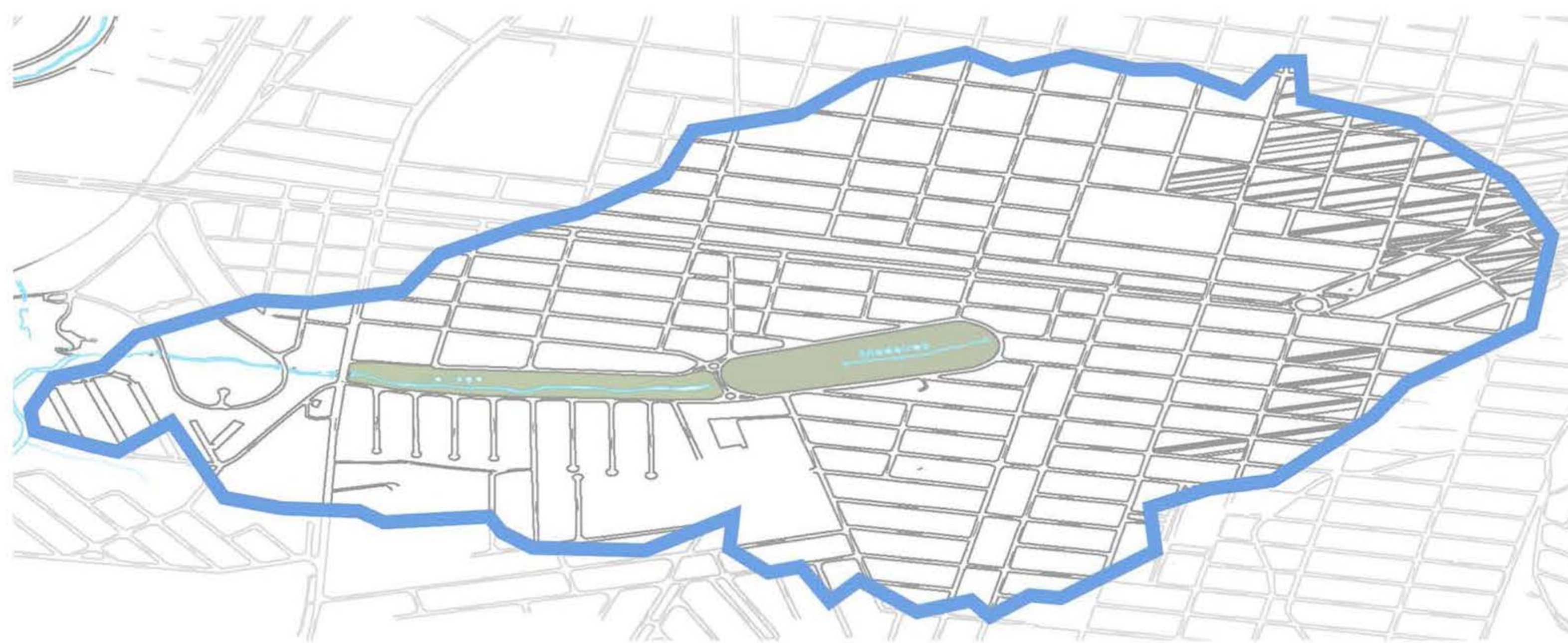


# parque do bicão

leitura | propostas | resultados



implantação atual (1:750)



visão geral da bacia

visão geral da bacia



Nota-se a falta de manutenção do leito do córrego tendo acúmulo de lixo e pouco tratamento da infraestrutura de drenagem presente cuja resolução é meramente funcional, não agregando valor estético ao corpo d'água. As margens mostram os efeitos da erosão e possuem poucas condições de reter grandes volumes de água.

Fonte: Acervo do concurso



A área do pergolado, próximo às quadras, se encontra em um estado de subutilização. A estrutura principal está danificada e sofre com falta de peças e o mobiliário aparenta incompleto e pouco confortável para um uso mais convidativo do espaço como área de estar. Além disso, a vegetação que servia de cobertura para o equipamento se encontra seca, fazendo com que a visão interna e externa não sejam agradáveis.

Fonte: Acervo do concurso



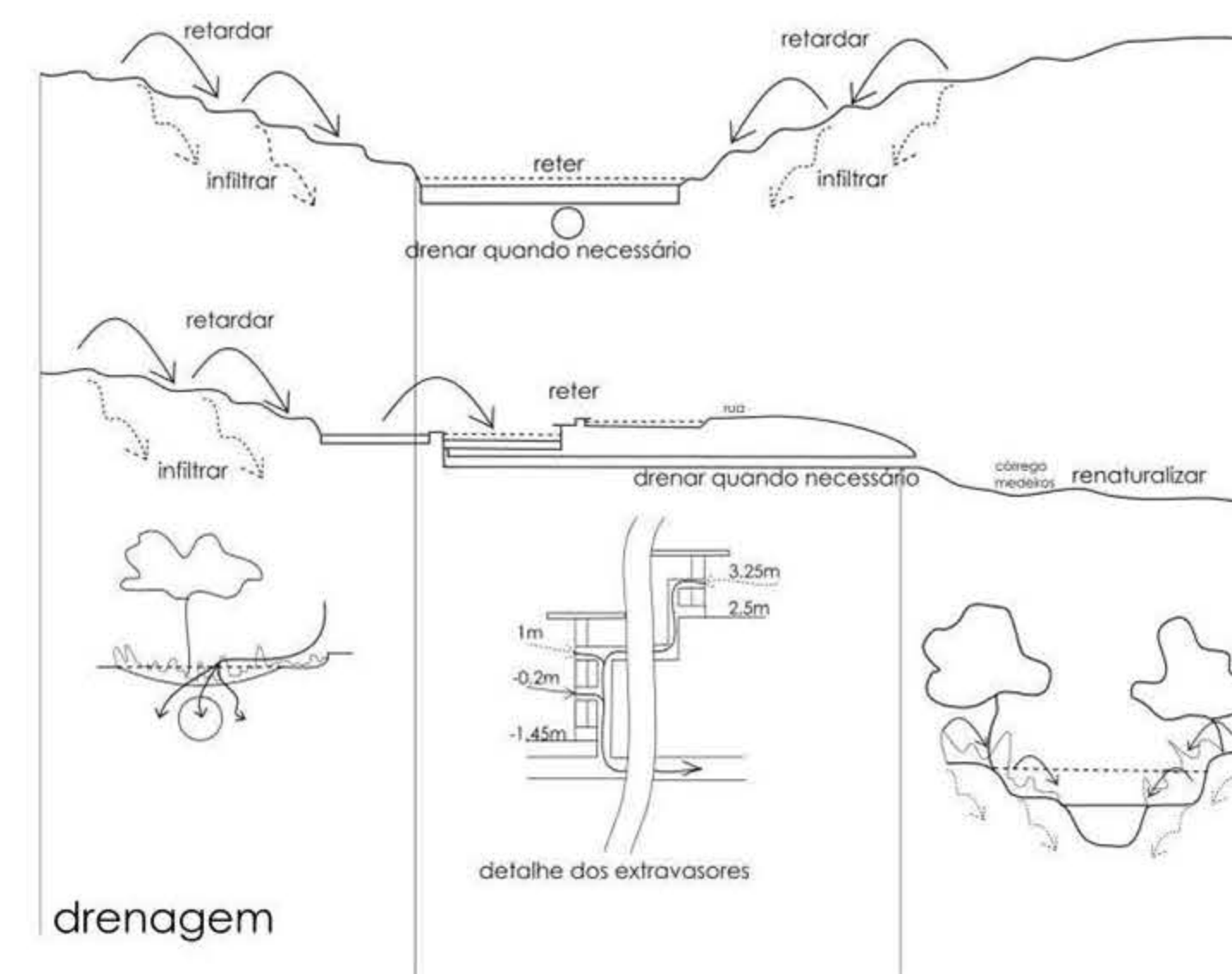
A maioria dos espaços de passagem que circundam o parque são marcados pela carência de uma pavimentação, o que faz os fluxos de pessoas acontecerem por caminhos não bem definidos. Além disso, o mobiliário é realizado em um material não confortável, e se encontra danificado pela ação do tempo.

Fonte: Acervo do Concurso



Fotografia tirada após a chuva do dia 13/11/2020. É nítido o efeito desviador das enxurradas, bem como a insuficiência da infraestrutura de drenagem existente. Percebe-se a necessidade de um redesenho que busque uma melhora na redução da velocidade das águas e seus efeitos negativos.

Fonte: São Carlos em Rede Acesso: 15/11/2020



drenagem

Nas ruas, as biovaletas conduzem as águas pluviais aos jardins de chuva escalonados, que permitem a diminuição da velocidade da água, na medida em que criam pequenos recintos onde a chuva pode empoeçar (tracejado), e após isso evaporar ou percolar no solo. A água restante segue para a tubulação de drenagem.

Ao chegar no parque, as águas restantes são conduzidas para as áreas mais baixas, onde os extravasores permitem a retenção das mesmas até uma certa cota, evitando a saturação do córrego a jusante durante chuvas intensas. Ao atingir a cota máxima de retenção (tracejado), a água passa a ser drenada para o córrego. A água retida pode percolar e evaporar, e circular para o córrego no caso da lagoa de retenção.

No córrego, o redesenho do leito, associado à vegetação nas margens e a redução do volume de água que por ele corre durante as chuvas contribui para a diminuição dos processos erosivos. O redesenho permite ainda que a água percole o solo, e que ocupe a parte superior do leito (tracejado) durante chuvas de maior intensidade.

**HISTÓRICO:** O Parque do Bicão situa-se na cabeceira do Córrego do Medeiros, tendo sido construído no contexto de um projeto do programa CURA (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada) do antigo BNH (1982). O projeto insere-se nas metas desse programa, de construção de infraestrutura urbana em áreas em processo de degradação devido à urbanização.

As intervenções são de duas ordens. A primeira, visível, é paisagística, com construção de espelho d'água, marquise, arena para eventos e torre. A segunda é de ordem infra estrutural, a construção de um sistema de drenagem de águas pluviais para o bairro, que deságua à jusante do espelho d'água através de dois conjuntos de tubulações de um metro de diâmetro, para, em seguida, após alguns metros, ser conduzida por nova tubulação até a parte externa do parque. Este intervalo aberto oferece risco aos usuários do parque em dias de chuva intensa, pois gera turbilhonamento das águas que pode arrastar pessoas para o trecho tamponado a jusante. O trecho do Córrego do Medeiros à jusante do parque segue entre as avenidas Cicero Soares Ribeiro e Maria Consuelo Tolentino, até sua foz no córrego do Monjolinho.

O sistema de drenagem de toda essa bacia hidrográfica não vem se mostrando eficiente para os atuais volumes de precipitação, resultando em enxurradas que correm por sobre as ruas a montante do parque, como ocorreu no dia 13/11/2020 enquanto produzimos esta proposta. Além dos danos dentro do parque, os volumes e velocidade de vazão causam fortes erosões no trecho do córrego entre o parque e a avenida José Pereira Lopes, comprometendo a consolidação de projetos paisagísticos nas suas margens.

Apesar de não estar entre as áreas mais graves da cidade em termos de processos erosivos e de colapso de solos, situadas nas bacias do Água Quente, Gregório e Médio Monjolinho, o córrego do Medeiros apresenta indicadores que exigem atenção para evitar seu avanço. A existência de solos colapsíveis expostos e infraestrutura incapaz de controlar os picos de vazão das águas pluviais, configura a área como suscetível ao agravamento das erosões, conforme se tornam mais frequentes as chuvas intensas.

O impacto das mudanças climáticas nas áreas urbanas de São Paulo indica o agravamento dos extremos de chuva, estiagem e calor. A maior frequência de chuvas de alta intensidade tornará obsoletos os parâmetros de projetos hidrológicos atualmente utilizados pela engenharia de infraestrutura.

Por outro lado, nos últimos anos a engenharia de infraestrutura desenvolveu novas técnicas de projeto que se adequam aos parâmetros de sustentabilidade ambiental. Os sistemas de Sustainable Drainage System (SuDS), Low Impact Development (LID) e Water Sensitive Urban Design (WSUD) associam-se a Soluções Baseadas na Natureza e outras técnicas de projeto de menor impacto, criando uma gama de opções de infraestruturas verde e azul, que substituem e/ou complementam as infraestruturas cinza, hoje ainda predominantes no Brasil. Abre-se um campo enorme de pesquisa por novas formas de conceber o projeto de paisagem e o projeto urbano.

No que se refere ao uso, atualmente, o Parque do Bicão se encontra subutilizado. Diversas intervenções, desde o projeto original, traziam novos atrativos em um movimento pendular de revitalização e descaso por parte do poder público. Uma grande porção da área é mal qualificada: os espaços carecem de funções ou de qualquer característica que os tornem interessantes para a apropriação da população. Por outro lado, espaços de uso ativo, como a marquise, as quadras e os pergolados são hoje marcados pela invasão de ervas daninhas, mal estado da pavimentação e descuido das estruturas em si. A partir dessa avaliação nosso impeto projetual buscou compreender essas duas importantes dimensões desse espaço e resgatá-las em suas potências, na égide das teorias contemporâneas das infraestruturas verdes e de espaços públicos urbanos. Objetiva-se, dessa forma, projetar associando essas duas esferas: os dispositivos verdes de drenagem nas ruas constituem percursos para as pessoas até os locais ativos e de lazer do parque, da mesma forma que as áreas de estar devem acontecer em relação direta com o correto manuseio das águas.

Prevendo o cenário de agravamento do regime de chuvas, propomos o acréscimo de novos dispositivos de drenagem, implantados no parque e fora dele, na bacia de contribuição. Desse modo, o parque poderá regular a vazão do Medeiros e permitir a estabilização das margens a jusante, sem a necessidade de infraestrutura cinza (de concreto armado).



# parque do bicão

leitura | propostas | resultados

**FUNÇÕES SOBREPOSTAS:** Além disso, é com a necessidade de aumentar a resiliência de nossos espaços que surge a proposta de inserir elementos de infraestrutura verde-azul, uma vez que, na ótica das teorias contemporâneas de planejamento e arquitetura da paisagem, elas não só exercem o papel técnico funcional de recolhimento das águas pluviais como também trazem diversos benefícios à vida humana e ao ambiente: melhorar a qualidade do ar, amenizar a temperatura da região, aumentar a resistência da biodiversidade e promover experiências sensíveis agradáveis associadas à redução de estresse e relaxamento.

**DRENAGEM E PAISAGEM:** A proposta idealizada ultrapassa os limites do parque: como resposta para a problemática abordada, o princípio de intervenção ganha potência ao levar em consideração todo o entorno. Analisando de maneira geral a bacia hidrográfica, levantamos os principais caminhos das águas pluviais, que correm pelos canais e encanamentos dependentes das vias pavimentadas. Como primeira assertiva, é proposto um sistema de captação das águas por meio de superfícies rebaixadas permeáveis, materializadas através de jardins de chuva e biovaletas. Através desses mecanismos, responsáveis pela diminuição da velocidade da água e pela sua infiltração no solo de maneira mais difusa, cria-se não apenas uma máquina de drenagem, mas também um registro de paisagem. Agregada a arborização nesses espaços, posta a carência nítida dela nas ruas dos bairros circundantes, é possível e visada a criação de um percurso. As ruas verdes agora respondem não apenas pela condução das águas, mas também pela condução das pessoas - e o ponto final desse sistema verde se dá no parque.

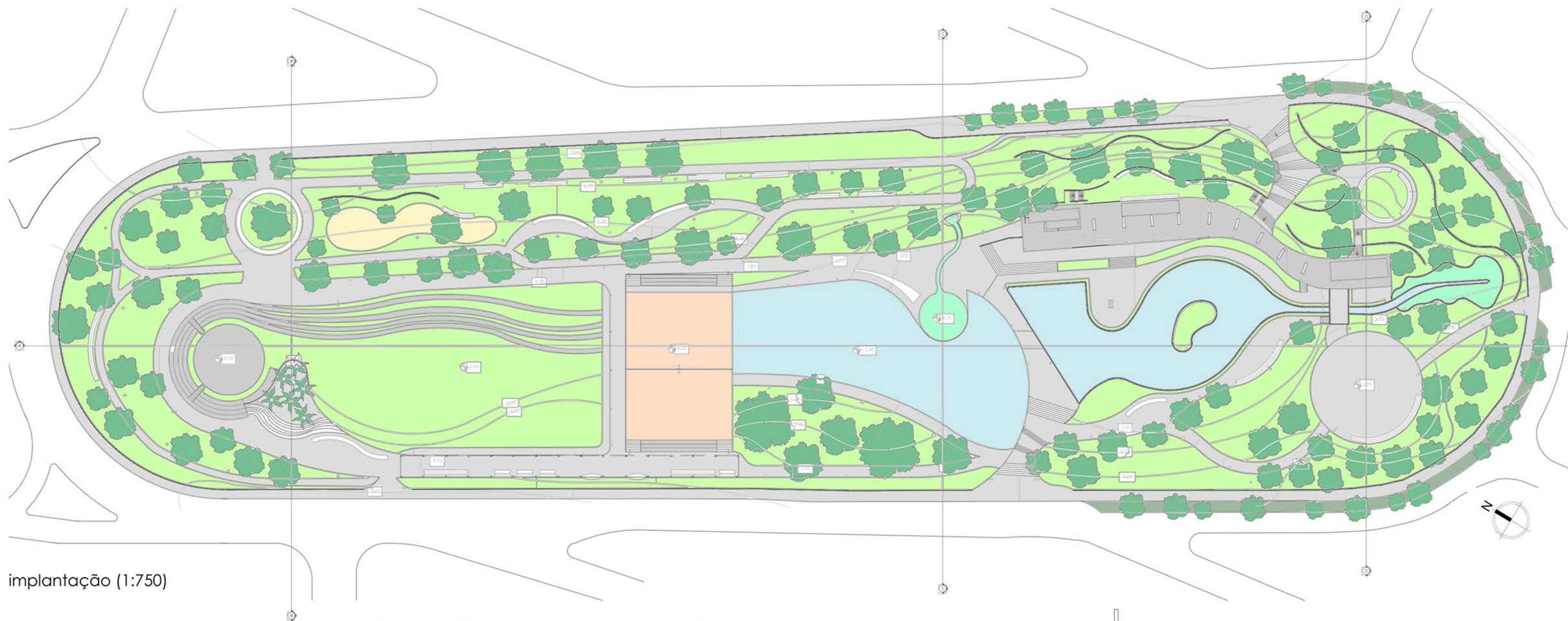
Assim, também se promove um tratamento arbóreo e paisagístico nos arredores do parque, conectando-o com seu entorno, uma vez que os componentes propostos no projeto são multifuncionais: aumentam o verdejamento da região, reconfiguram as ruas, aumentam o recolhimento pluvial, contribuem para a limpeza do ar, dentre todas as outras benesses oriundas do aumento de massa vegetal no tecido urbano.

**O PARQUE:** Adentrando no parque, passando por uma suave transição entre exterior e interior, segue a espacialidade determinada pela marquise, lagoa e marco vertical escultórico existentes. Esse espaço do projeto ainda se mantém potente, servindo como importante referência visual e ocupando um lugar no ideário são-carlense. Logo, para esse espaço, a proposta se baseia justamente na retirada de elementos que rompem com a continuidade visual tão marcante para o Bicão. O guarda-corpo que circundava a lagoa é retirado e substituído por arbustivas, capazes de manter uma relação mais sutil entre a transição dos espaços, conservando a intransponibilidade entre eles e a segurança das pessoas.

Ademais, no antigo anfiteatro, a operação se dá por meio da reconfiguração completa do espaço. Os equipamentos antes ali localizados dão lugar a um local plano e de maior amplitude, aberto para receber as diversas apropriações da comunidade, de feiras a aulas coletivas, intervenção essa que surge da falta de um piso plano e amplo no parque.

Seguindo o curso do Medeiros, nossa intervenção buscou requalificar uma região do Bicão menos favorecida historicamente, num gesto funcional e simbólico, integrador dos espaços de estar com as medidas de retenção hídrica, redesenho das quadras e uma nova organização das circulações e outros estares, tal qual o pergolado. O local referente à pré canalização do córrego anteriormente assume uma função similar a já existente - uma segunda lagoa de retenção é criada, com uma lâmina d'água constante, mas com estrutura adequada para suportar inundações. Os níveis são ajustados por extravasores associados ao novo bloco das quadras, que não mais interrompem o espaço de maneira a estreitá-lo, mas agora o cruzam. A ruptura demarca os diferentes espaços ao mesmo tempo que se coloca como um gesto de leveza acima do espelho d'água, promovido por uma pequeno balanço aplicado na borda desse piso, deslocando-o visualmente do plano vertical do arrimo logo abaixo. Seguindo o desenho da lagoa pré-existente, um dos símbolos do projeto anterior, cria-se um espelhamento do marco existente através de uma oposição clara entre o elemento vertical que aponta para cima e a queda d'água, proveniente de uma das nascentes do parque e que, por sua vez, cai na nova lagoa.

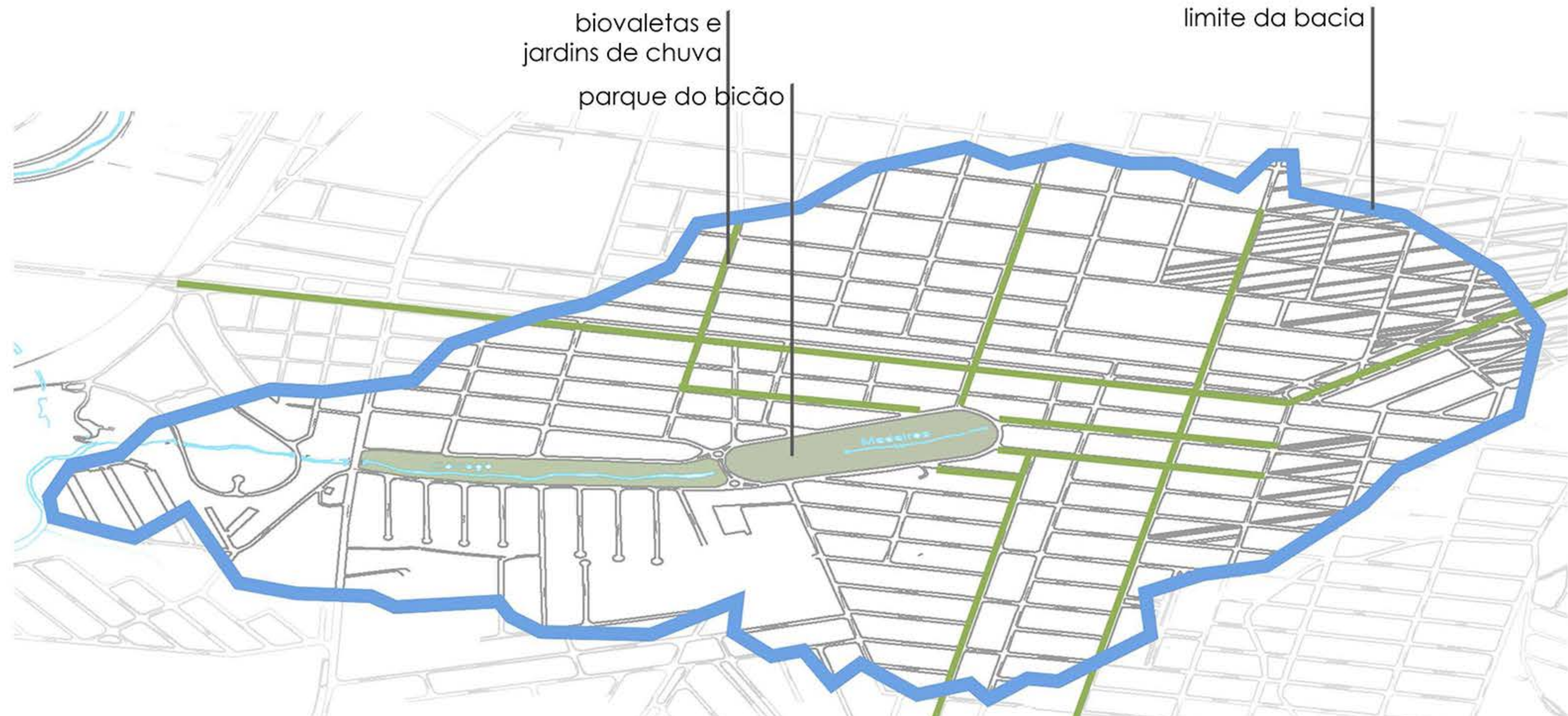
O pergolado foi completamente remodelado, permitindo um melhor alocamento do mobiliário e da passagem, que, neste local, se dá de maneira coberta. A requalificação e expansão permitem, além disso, uma relação mais próxima às quadras esportivas, dando abrigo e uma boa visão do jogo. Por fim, aproveitando a área menos arborizada existente no atual estado do parque, é demarcado um grande gramado logo acima do trecho tamponado do córrego, cujo uso é livre e circundado por estruturas de estar e lazer. Toda essa área, seguindo a ideia que define o projeto, também é preparada para situações de alagamento, dando vazão para diferentes níveis d'água em momentos de chuva excepcionais. Logo acima, uma arquibancada se posiciona, articulando espaços de estar em proximidade com espaços de lazer mais amplos. Ao fim do percurso, alocando-se na própria topografia existente, é proposto um novo teatro de arena, maior e mais atrativo para a população de toda a cidade. As palmeiras, dessa vez, seguem o princípio do marco vertical, localizada diametralmente no outro extremo do parque. Assim, o desenho das áreas internas centrais seguem uma mesma lógica, abrangendo, de forma semelhante, diferentes atrativos de perspectiva e articulando, em um mesmo desenho, espaços de convivência e lazer com locais de drenagem.



implantação (1:750)



corte AA (1:750)



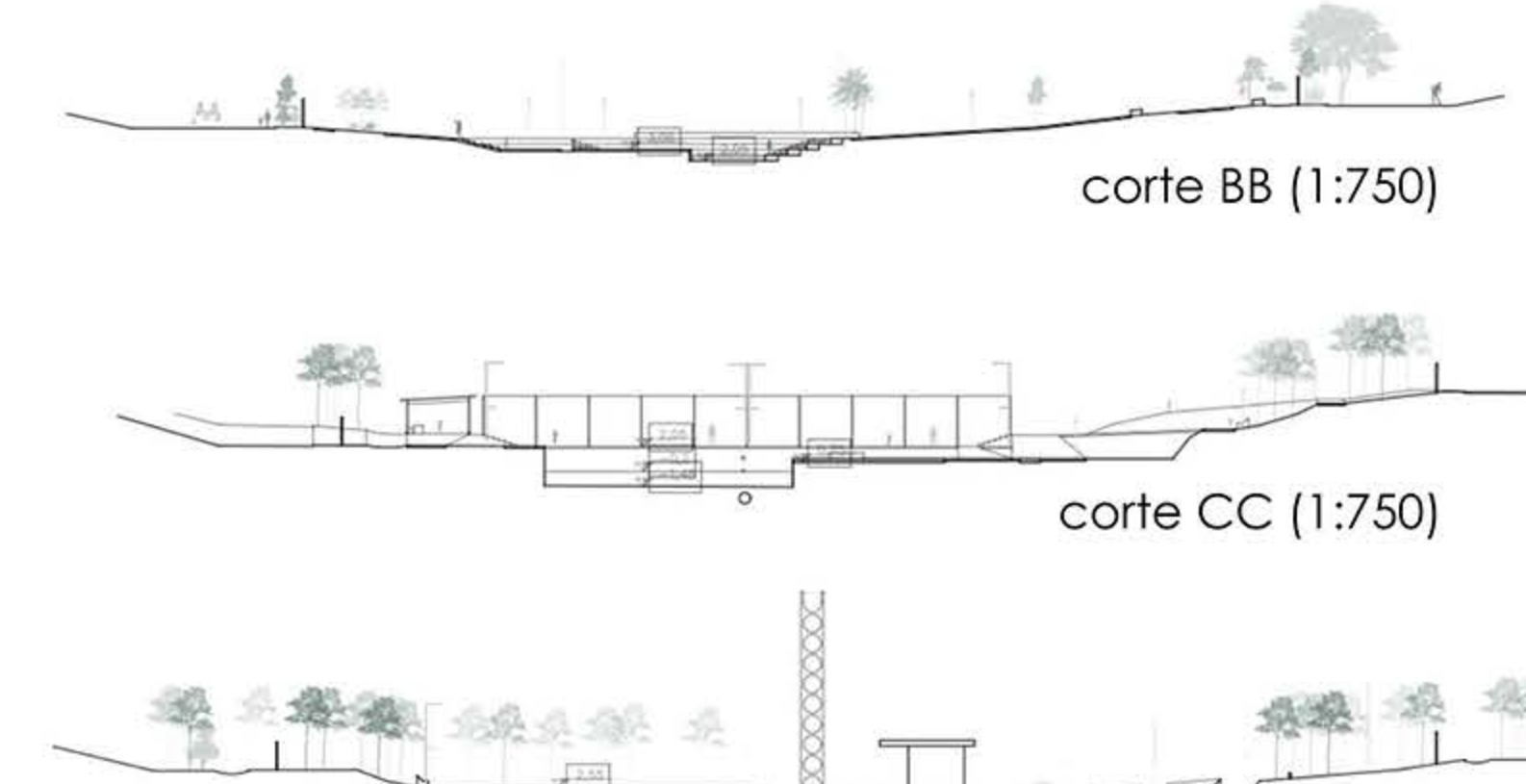
corte BB (1:750)

visão geral da bacia

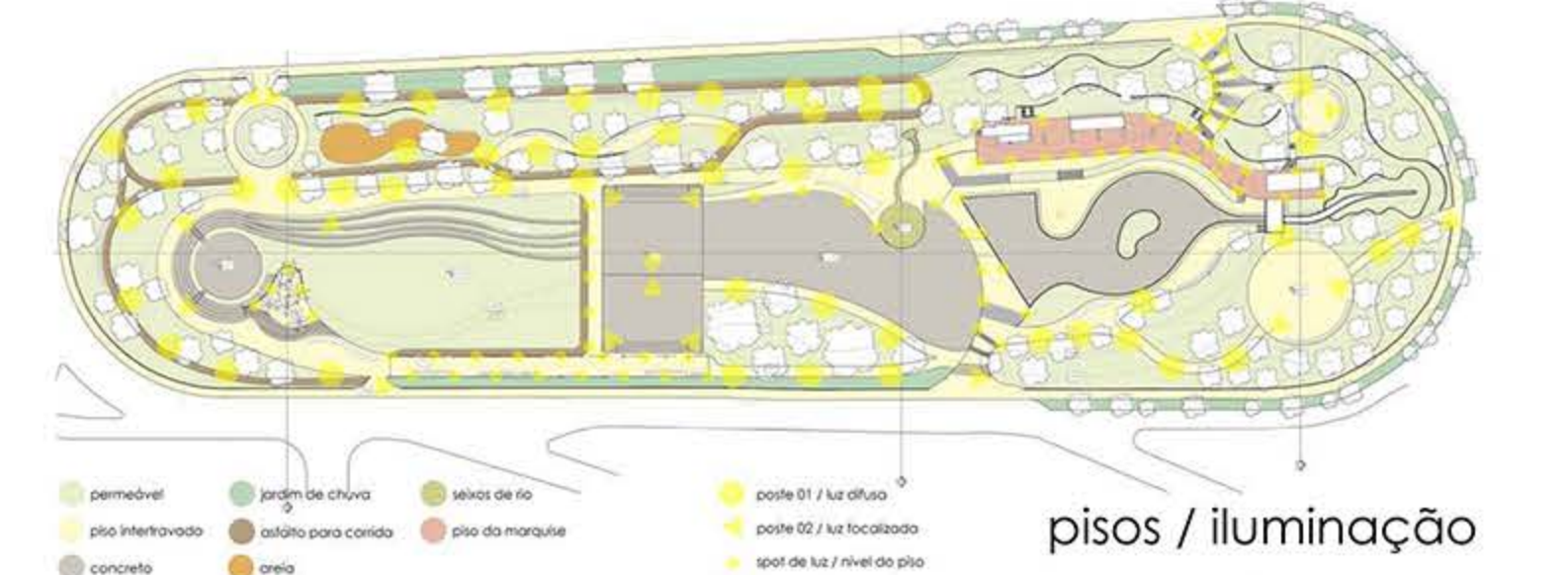


corte CC (1:750)

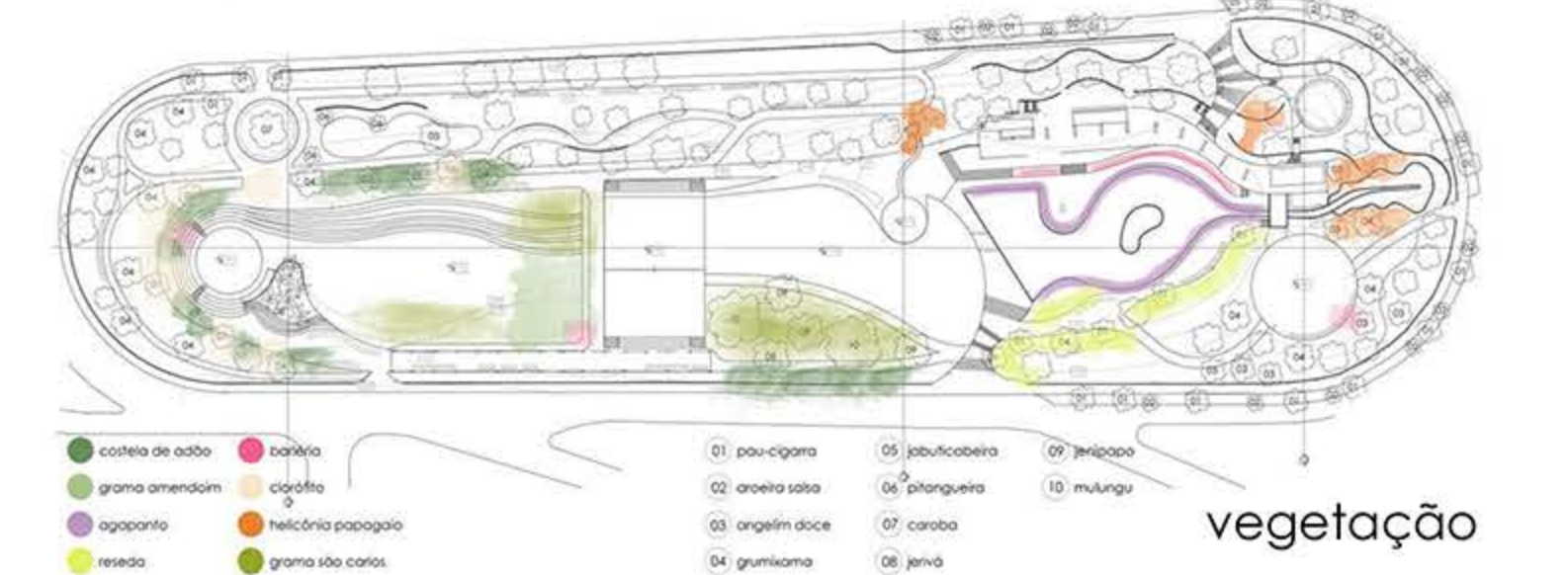
jardim de chuva      módulo da cobertura      mobiliário



corte DD (1:750)



pisos / iluminação



vegetação



# parque do bicão

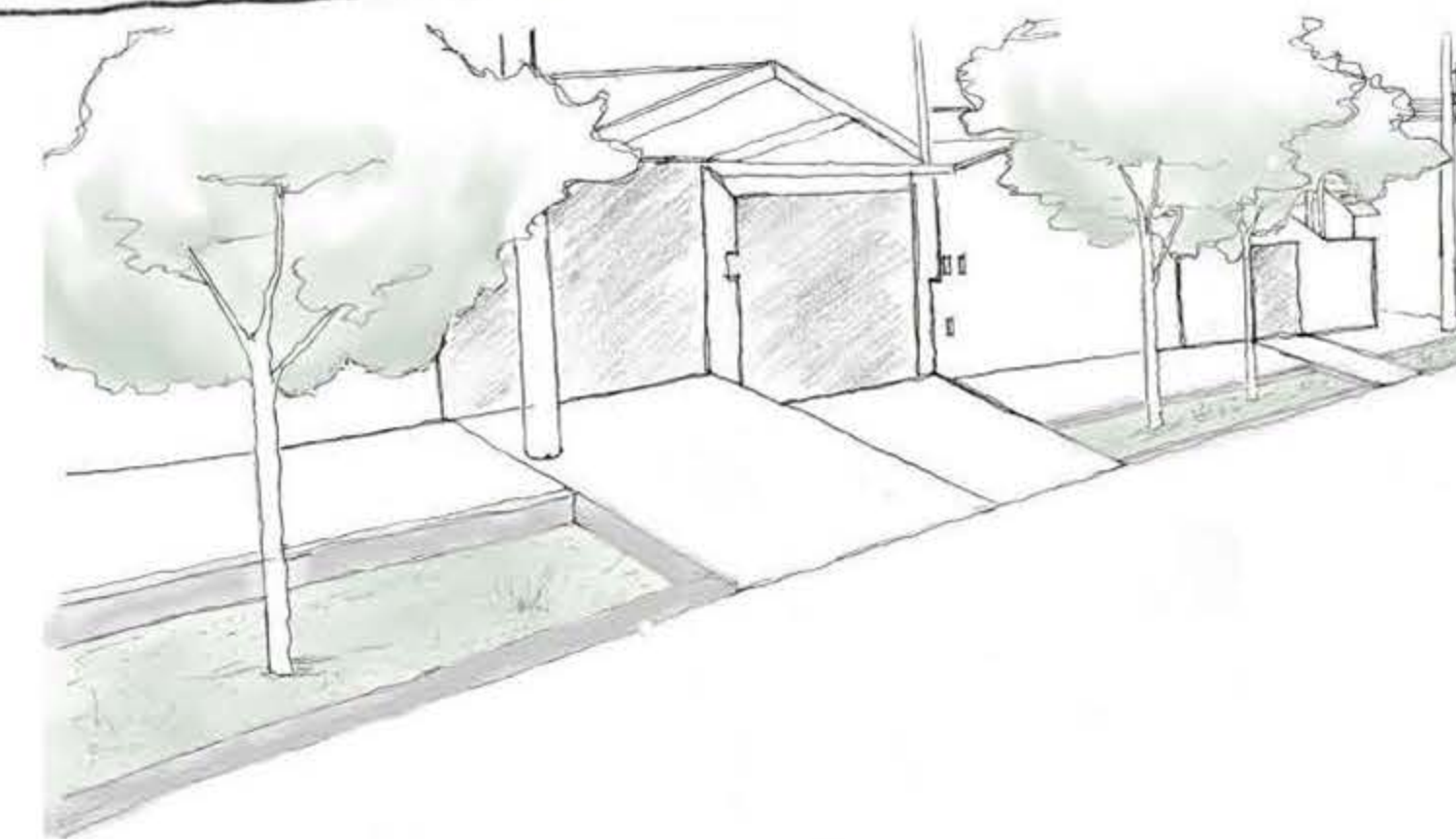
leitura | propostas | resultados



vista do anfiteatro para o centro do parque



vista do caminho do centro do parque para a nova lagoa



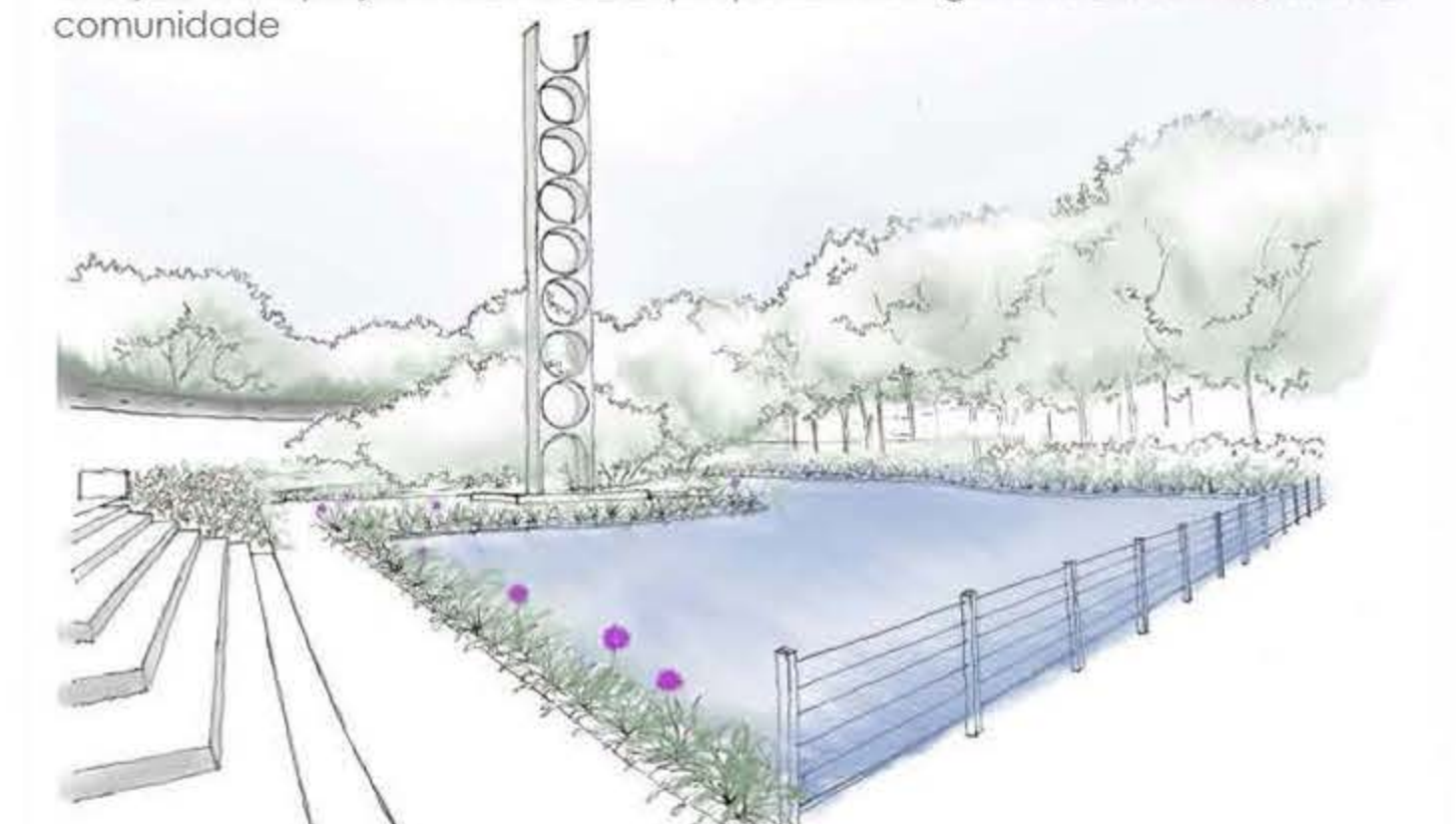
rua com jardins de chuva e biovaletas



vista da praça de uso livre para a marquise e o marco

**SIMBOLISMO DA ÁGUA E A PERCEÇÃO AMBIENTAL:** Vivemos no caldo cultural do fugaz, da rotina opressiva, da produtividade sem pausas. O traçado proposto para o parque evoca uma outra noção de tempo, cíclica e natural, suave e curvilínea. Com isso, adotamos uma separação dos ambientes do Bicão, cujo simbolismo retoma a noção dos ciclos da natureza. Seguindo a narrativa do caminho onde há uma alternância entre a cheia e a estiagem. As curvas são os ecos do antigo curso do rio, resgatam-se, metaforicamente, os meandros. A drenagem, por sua vez, é adereçada numa lógica da máquina, mas uma máquina verde racional e tecnicamente correta, porém sutil e invisibilizada. O que se faz visível são as curvas, a água e os recortes topográficos, num gesto de recompor o imaginário da antiga temporalidade desse local, do rio in natura, numa paisagem que não mais será como antes, mas que se relaciona com esse passado, rompendo com o ethos do progresso linear, abrupto e cinza. Não abrimos mão das soluções maquinicas e de sua eficiência e funcionalidade, mas elas operam abaixo dos olhos, no campo da infraestrutura técnica, cuja função não é ser vista, porque aquilo que se deve ver é a paisagem e todas as suas narrativas, suas memórias e seus usos. Criação de espaços de estar mais convidativos e com grande capacidade de apropriação

Aumento da relevância e potência de espaços já localizados no parque, ampliando sua capacidade e seu impacto visual  
 Substituição de estruturas subutilizadas por elementos mais amplos e com maior atratividade para o estar  
 Emprego de marcos verticais em posição espelhada ao original, mantendo uma unidade estética.  
 Requalificação do relevo, permitindo o uso e o lazer em superfícies inclinadas  
 Desenvolvimento de mecanismos de retenção, projetados para suportar maiores cargas e com forte impacto visual  
 Mudança no sentido das quadras, deixando os espaços mais abertos e, ao mesmo tempo, criando uma pausa entre os diferentes ambientes  
 Exposição das nascentes por meio da queda d'água, criando um elemento espelhado ao marco vertical e que aponta em sentido oposto.  
 Redução drástica dos impactos provocados pelas águas pluviais  
 Estabelecimento de vias arborizadas para conduzir a população para o parque.  
 Diminuição do leito carroçável, diminuindo a velocidade média dos veículos  
 Manutenção dos méritos do projeto original e das intervenções prévias  
 Aproximação entre as pessoas e a água, retirando barreiras visuais.  
 Requalificação da vegetação, ajustando as características das espécies às áreas implantadas  
 Criação de espaços mais abertos que possam abrigar diversas atividades da comunidade



vista do centro do parque para o marco